

A PRESENÇA DAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO CURSO DE LETRAS E NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFAC

THE PRESENCE OF AFRICAN LITERATURES OF PORTUGUESE LANGUAGE IN THE COURSE OF LETTERS AND APPLICATION COLLEGE OF UFAC

Amilton José Freire de Queiroz¹, Simone de Souza Lima²

1. Doutor em Letras. Docente do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre. Líder do Grupo Amazônico de Estudos da Linguagem (GAEL) e pesquisador do Grupo de Pesquisa de Estudos da Educação, Cultura, Arte e Linguagem (GECAL).

2. Doutora em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada). Docente do Curso de Letras da Universidade Federal do Acre. Pesquisadora do CNPq e líder do Grupo Amazônico de Estudos da Linguagem (GAEL).

Afrontar fronteiras, redefinir horizontes epistemológicos e trançar outros olhares prospectivos – esses têm sido os lugares de errância para quais convergem os percursos do dentro e de fora da experiência interdisciplinar. Ademais, exercitar o movimento da interação de saberes firma-se, portanto, como um ponto de sustentação *sine qua non* para ampliar o espectro da solidariedade das literaturas de língua portuguesa, mapeando o traço da percepção intercultural entre Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Brasil e Portugal.

Inserida nesse contexto de imbricações múltiplas, a atuação de alguns professores de Língua Portuguesa, Teoria da Literatura e Literatura Comparada do Curso de Letras e do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre tem permitido interligar os fios do trabalho com o texto literário dos países

africanos de língua portuguesa e suas convergências com a produção literária brasileira.

Expandir as redes de solidariedade entre os mundos de linguagem latinoamericanos e africanos contribui significativamente para estreitar os diálogos da Educação Básica e Ensino Superior, fortalecendo o espectro da prática pedagógica para além do mero contato com as marcas e marcos da diferença cultural latente na memória coletiva dos educandos acreanos.

A sala de aula, nesse sentido, torna-se uma região cultural propícia para a conjugação de práticas que veiculam imagens da geografia da diferença. Desse modo, as repactualizações das experiências para dentro e fora do contato com o outro da relação disseminam a possibilidade de dirimir as dúvidas sobre o papel das culturas indígenas, africanas e

negras na formação da heterogênea pátria brasileira.

Assim, guiados pelo exercício contínuo da desterritorialização dos saberes, os olhares dos docentes, para além do mero contato com as marcas do passado, impulsionam a dinâmica da reterritorialização do saber dos discentes na trama das aprendizagens significativas projetadas na paisagem de textos que apostam na divulgação de alteridades plurais.

As práticas de leituras desses itinerários textuais furtam-se ao projeto de celebração da guinada eurocêntrica, ao contrário, fertilizam (re)descoberta de outros percursos para o reestabelecimento de epistemologias calcadas na projeção da mobilidade dos saberes. Concretizar esse projeto significa levar em consideração a oralidade, a escrita e a performance, tornando-os *célula mater* do processo de ensino-aprendizagem visto como ponte de acesso ao imaginário da diferença.

Por isso, é de fundamental importância apostar nessa zona de mediação que dinamiza o aprendizado das confluências culturais transatlânticas, sinalizando para a interligação dos campos simbólicos de literaturas, culturas e sociedades planetárias contemporâneas. Posicionados no limiar desse pensamento sempre em devir, logo, destituído de uma pretensa verdade absoluta, os fazeres pedagógicos dos docentes buscam erradicar a densidade do silêncio imputado aos trânsitos e

às marcas do diálogo estabelecidos entre América, África e Europa.

É dentro desse contexto de abertura ao outro que o trabalho com as literaturas africanas de língua tem se mostrado bastante fecundo no sentido de ampliar os olhares sobre a paisagem do texto literário lido, analisado e interpretado na sala de aula. Como lugar de produção, recepção e circulação de culturas plurais, a obra literária acessada pelos alunos mostra-se como ponte de travessia para a compreensão dos imaginários contemporâneos flagrados pela escrita literária.

Portador de singularidades que escapam o limite do olhar fechado, o imaginário apresentado em poemas, contos e romances africanos desloca o aluno leitor para outras camadas de significação sobre os processos de formação das mentalidades e culturas transatlânticas. Esse reposicionamento das percepções em outro espaço literário direciona o educando para a descoberta de vários destinos da representação do encontro entre culturas errantes.

Dessa forma, torna-se ímpar a necessidade de costurar propostas de leitura amparadas da interação entre texto e contexto trabalhado em sala de aula. Colocar o discente em contato com outros textos que figuram o movimento de ressemantização dos encontros pós-coloniais é um dos caminhos possíveis para redimensionar a importância da releitura e reescrita da geografia do diálogo entre a literatura brasileira e comarcas culturais

africanas.

A leitura do texto literário, sob essa égide crítica, permite conjugar esforços para operacionalizar a desestabilização da perspectiva binária sobre a qual se solidificara a retórica colonialista, rompendo com os olhares hiantes que celebram a hierarquização e subordinação do *outro* em detrimento da focalização do *mesmo*. Colhendo os resíduos dos embates travados no campo das representações da língua, cultura, ética e política, o estudo das literaturas africanas de língua portuguesa abaliza a abertura de estratégias para analisar a obra literária do ponto de vista pós-colonial.

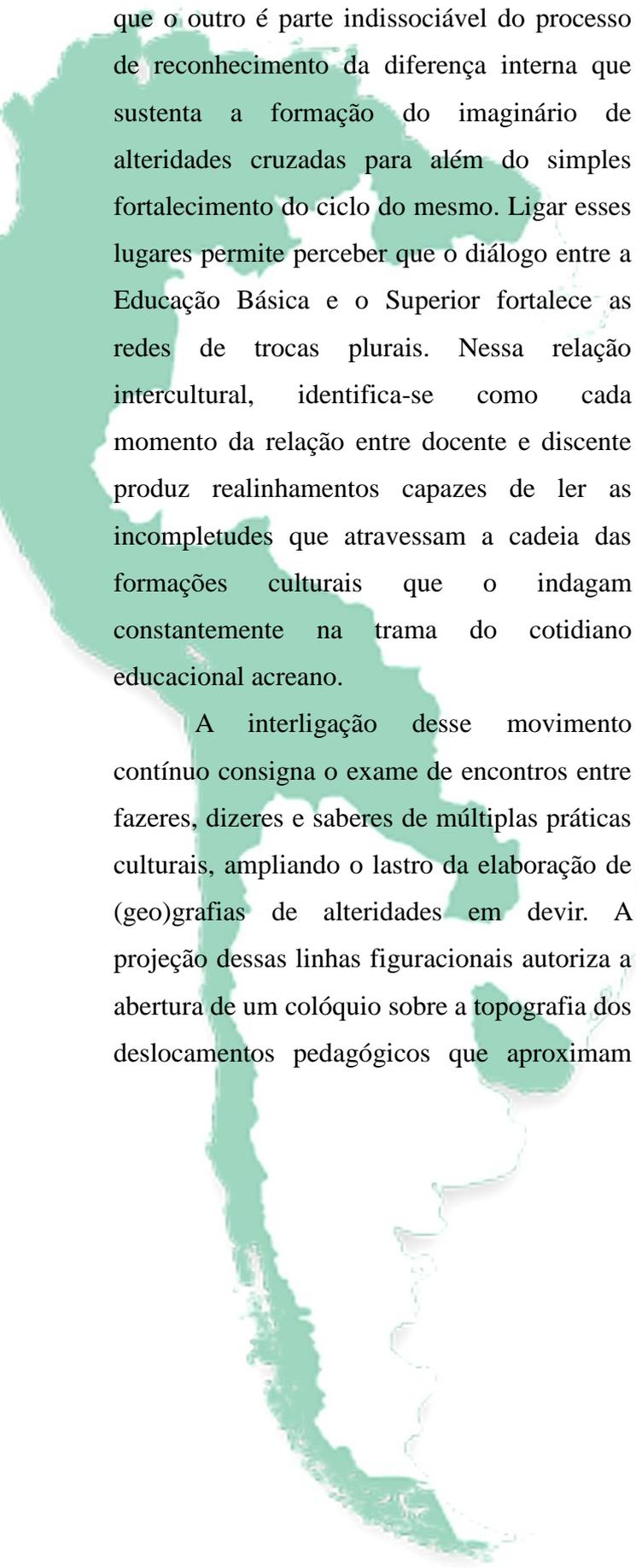
Essa prática de leitura encontra-se sedimentada numa moldura que explora as tangências/assimetrias dos dizeres da História, Antropologia, Psicanálise, Geografia, Literatura, Etnografia, Filosofia, descortinando as fronteiras de saberes para interconectá-los, a tal ponto de construir pontes cujo trânsito contribui para destacar a troca produtiva realizada entre o exercício da crítica literária e suas imbricações com as práticas cotidianas do local da cultura.

Assim, a introdução do estudo das literaturas africanas no curso de Letras e Colégio de Aplicação da UFAC contribui, singularmente, nas seguintes zonas de contato: 1) ultrapassar uma atitude que ratifica a literatura enaltecida e transcendente, gestando uma visão de literatura inserida no contexto histórico e no espaço geopolítico; 2)

mostrar como a obra de alguns autores mergulham no imaginário do imperialismo, colonialismo e patriarcalismo, deixando de lado uma gama infinidade de leitores; 3) mapear na ficção a ambiguidade que atravessa o perfil das personagens, sejam elas masculinas ou femininas; 4) investigar o aprisionamento do espaço colonial e pós-colonial pelo texto e pela teoria literária oriundos da metrópoles renascentistas ou modernas.

Nesse sentido, para empreender a cartografia dos (des)encontros das vidas em trânsito, a saber: refugiados, expatriados, sem lugar, migrantes, imigrantes, exilados, urge ter em mente o uso de conceitos-chave como hibridismo, interstício, liminaridade, entrelugar, agência e negociação. Com os pés fincados nesse território movediço, abre-se a possibilidade descosturar os nós discursivos feitos sobre as zonas de conflito, as interações, as assimilações recíprocas, as assimetrias e os conglomerados de diferenças culturais postos para baixo do tapete da narração da nação. Resulta disso uma flexibilização estético-crítica para figurar as deformidades produzidas pelo olhar etnocêntrico, despindo-o dos graus de uma única interpretação para potencializar e desvelar lugares onde se dão os trânsitos ambíguos das práticas discursivas e políticas da(s) cultura(s).

A presença das literaturas africanas de língua portuguesa no curso de Letras e do Colégio de Aplicação obedece à premissa de



que o outro é parte indissociável do processo de reconhecimento da diferença interna que sustenta a formação do imaginário de alteridades cruzadas para além do simples fortalecimento do ciclo do mesmo. Ligar esses lugares permite perceber que o diálogo entre a Educação Básica e o Superior fortalece as redes de trocas plurais. Nessa relação intercultural, identifica-se como cada momento da relação entre docente e discente produz realinhamentos capazes de ler as incompletudes que atravessam a cadeia das formações culturais que o indagam constantemente na trama do cotidiano educacional acreano.

A interligação desse movimento contínuo consigna o exame de encontros entre fazeres, dizeres e saberes de múltiplas práticas culturais, ampliando o lastro da elaboração de (geo)grafias de alteridades em devir. A projeção dessas linhas figuracionais autoriza a abertura de um colóquio sobre a topografia dos deslocamentos pedagógicos que aproximam

Europa, África e América no contexto de recortes plurais, reconstruindo rastros, destinos e pertencas perenes de fronteiras (des)marcadas entre o Atlântico e Índico.

Outrossim, a presença do estudo das literaturas africanas de língua portuguesa no curso de Letras e Colégio de Aplicação da UFAC converge para a inovação e utilidade de sua agenda teórica, a transitividade e transversalidade de saberes, a expressão de uma inquietante responsabilidade do intelectual, a análise das formas de recrudescimento das novas formas de marginalização, a batalha sobre significação e valor; o estudo dos movimentos migratórios e suas redes de trocas/assimetrias. Com isso, exercita-se, portanto, o trânsito entre diferentes olhares críticos que se abrem para dialogar entre si, sem sectarismos e exclusivismos estanques que obstaculizam a transumância teórica e prática do fazer pedagógico no contemporâneo.